

# Os desafios das novas tecnologias ao ensino de História

Marise Pereira dos SANTOS  
(graduanda em História - UFG/CAC)

Estamos vivendo a abertura de um novo espaço de comunicação, e cabe a nós explorar as potencialidades mais positivas deste espaço no plano econômico, político, cultural e humano. Que tentemos compreendê-lo, pois a verdadeira questão não é ser contra ou a favor, mas sim reconhecer as mudanças qualitativas na ecologia dos signos, o ambiente inédito que resulta da extensão das novas redes de comunicação para a vida social e cultural. Apenas dessa forma seremos capazes desenvolver estas novas tecnologias dentro de uma perspectiva humanista.

**Pierre Levy**

A busca pelo encurtamento de distâncias, de maior velocidade na transmissão de informações, entre outras praticidades ditas modernas, propiciou um desenvolvimento ímpar das tecnologias de comunicação e informação mundiais. Atualmente observamos o agir de diversas tecnologias em todos os campos da atuação humana. Sabe-se que é possível que um médico auxilie uma cirurgia que acontece do

outro lado do mundo; ou que se observe o movimento de uma cidade em tempo real, mesmo que está esteja localizada em outro país utilizando-se da internet e de imagens enviadas ao computador via satélite.

O que há décadas atrás soaria como inspiração para filmes de ficção científica, hoje se tornou uma prática corriqueira, graças à Rede Mundial de Computadores (RMC), que parece conduzir a humanidade a um espaço amplo, que aos poucos é dominado, mas que domina simultaneamente. Essa transformação vivida pelo mundo, criou o que muitos autores têm chamado de “cibercultura”, a qual pode ser definida como uma nova forma de relação via computador que se tem adequado de maneira intensa a sociedade atual e alterou o cotidiano de milhões de pessoas diante de uma crescente informatização em suas vidas. Desde os mais pobres até os mais ricos a tecnologia da RMC tem atingido a todos, se não na forma específica de um computador, pelo menos por outros meios, como celulares, *iphones*, *lap tops* entre outros bens desse novo universo.

O computador, associado a internet, tornou-se um instrumento vital para a sociedade que podemos dizer pós-moderna. Seu uso, abrangendo a todas as

áreas do conhecimento e da vida humana, consolidou novos saberes e novas metodologias para as diversas ciências que atendem os homens nas suas necessidades. Inovando mesmo as construções e elaborações de métodos de educação e cultura, tem sido utilizado também como importante ferramenta para alunos e professores da disciplina história, como apontara Lyotard, (1988, p. 04):

Parece que a incidência dessas informações tecnológicas sobre o saber deva ser considerável. Ele é ou será afetado em suas principais funções: a pesquisa e a transmissão de conhecimentos[...] É razoável pensar que a multiplicação de máquinas informacionais afeta e afetará a circulação de conhecimento, do mesmo modo que o desenvolvimento dos meios de circulação de homens (transportes), dos sons e, em seguida, das imagens (media) o fez .

Assim o autor, ainda no final dos anos 80, momento em que a internet não era ainda algo consolidado e de tão ampla abrangência mundial, orientava-nos frente a necessidade de entendermos o significado da tecnologia no cotidiano do dia-a-dia, conseqüentemente nos inspirando a questionar, também, a presença da mesma na sala de aula, inclusive justificando a premência de discussões, como a que pretendemos desenvolver ao longo da pesquisa

que empreendemos sobre o uso das novas tecnologias na sala de aula.

São diversas as possibilidades de utilização da internet por professores e alunos, especialmente em pesquisas. A crescente disponibilização de materiais, em *sites*, *blogs*, páginas e outros meios de divulgação da internet, tem ampliado as fontes de pesquisa sobre o mundo, o que usado como recurso educacional pode significar avanços importantes na forma de lidar com o conhecimento histórico, seja pelo acesso a fontes históricas, *sites* de universidades, revistas, centros de pesquisas, dentre outros.

Isso vem implicando num crescente investimento dos setores educacionais na informatização de escolas no Brasil. Ainda que recorrente, a precariedade dos investimentos educacionais em nosso país, verificamos uma tentativa de fazer com que a tecnologia chegue a um grande número de pessoas via escolas públicas. Em Catalão-GO, nosso *locus* de pesquisa, podemos observar que em escolas estaduais, com elevado número de alunos, a tendência tem sido a instalação de laboratórios de informática. Esses espaços são utilizados como locais de interação entre alunos e mundo virtual, oferecendo-lhes a possibilidade de desenvolver pesquisas e

trabalhos escolares, bem como o próprio conhecimento do computador e da RMC.

No entanto, segundo a pesquisa preliminar que efetivamos, esses espaços de informatização das escolas parecem não atingir o potencial didático-pedagógico que possuem em função do que dissemos antes que é a própria condição das escolas: espaços físicos inadequados, falta de pessoal especializado, falta ainda de uma “cultura de uso do computador”, e, mesmo, falta de formação de professores no uso dessa tecnologia. A maioria dos quadros docentes das escolas visitadas não está apta a usar o computador como recurso didático.

No caso dos alunos, mesmo não possuindo computador em casa, estes vão em busca de forma de acesso ao mesmo, se não na escola, nas chamadas *lan-bouses*, que se propagam numa velocidade incrível, por toda a cidade. Isso significa, que para os alunos, e aqui nos referimos a crianças e ou adolescentes, o computador já se tornou parte de suas vidas. De forma que já apresentam, ainda que minimamente, um contato e um trato com a máquina e, também, com a internet. Para a maioria dos professores, no entanto, o uso do computador como forma de incrementar suas aulas ainda é feito de forma restrita,

o que implica no que Marcos Silva, chamou de mal estar docente. Este autor assinala:

Da perspectiva curricular, destaca-se a necessidade de incorporar a cibercultura, evidenciada pela sua ligação com o ensino de humanidades e o desafio de promover a qualificação de professores da área para utilização dessas novas ferramentas instrucionais. (SILVA, 2005, p. 28)

O uso das novas tecnologias apresenta-se, assim, como inevitável, no contexto do mundo atual provocando uma seleção no meio que acaba por “excluir” aqueles que são considerados analfabetos digitais, por não terem condições de acessar de forma eficaz às novas tecnologias de informática. O conhecimento na área de informática tornou-se o diferencial imprescindível para destacar um bom profissional e para mostrar o grau de qualificação do indivíduo no momento em que este tiver de concorrer a uma vaga para emprego. Ou seja, aquele que interage com o computador, com a internet terá sempre uma vantagem à frente do que não possui essa intimidade com o espaço virtual.

O professor que por muito tempo teve a sua disposição recursos didáticos limitados muitas vezes ao quadro negro, ao giz e ao livro didático, vê-se de frente com um universo digital a ser explorado, pois

aparece como possibilidade de abrir “janelas para o mundo”, como é comum se dizer em relação a internet. Nesse caso, é preciso também buscar formas de permitir que esse profissional esteja apto a lidar com essa tecnologia. Se no mundo externo à escola a necessidade de habilidade com a informática se faz mister, no mundo intra-escolar essa carência vem se mostrando cada vez mais evidente, levando professores e administradores de escola a buscar se inteirar do que acontece no mundo da informática, que possa servir ao desenvolvimento da educação e da formação tanto de docentes quanto discente.

Todavia é patente uma resistência, também por desconhecimento, desses profissionais ao uso do computador. Claro, é que a maioria dos professores das escolas públicas brasileiras, face à precariedade da educação muitas vezes não tem condições de ter um computador em casa, e na própria escola não tem acesso a computadores. Outro agravante é que se falta acesso, falta também tempo, pois os professores da rede pública vivem uma jornada exaustiva de trabalho, na qual lidar com computador, não raras vezes pode ser visto como um “luxo”, que não atende as suas concepções de ensino e as suas maneiras de desenvolver suas atividades em sala de aula.

O que percebemos é que mesmo frente a adversidade é possível sim, criar formas de acesso à tecnologia. Seja cobrando do governo investimento na área, seja usufruindo dos investimentos que já existem, é viável, fazer da tecnologia um instrumento de ensino e aprendizagem. Os limites impostos por computadores com *softwares* antigos, internet com conexões ruins, como a discada, ou mesmo a necessidade de recorrências a *lan-houses*, são desafios a serem vencidos por uma luta constante por uma educação de qualidade que atinja a todos os setores da sociedade, especialmente aqueles excluídos dessa verdadeira revolução digital. Isso porque essa tecnologia é parte de um mundo no qual:

O capitalismo como sistema macrosocial sempre conjugou realidades inclusivas e excludentes. Nesse sentido, não é de se estranhar que no cenário aberto pelo universo digital multimídia e pela Internet haja massas populacionais excluídas. Porém nos últimos anos o número de conectados já se aproxima de 1/5 da população, o que não é pouco, considerando os preços ainda proibitivos de aquisição de equipamentos particulares que possibilitem o acesso a rede (GATTI, 2005, p. 52).

Isso informa que no caso dos professores de história instrumentaliza-los através do uso da internet passa por diversos problemas não apenas

de cunho de acesso econômico ao computador, mas de outros âmbitos. Primeiramente é conveniente levar em consideração a inexperiência de muitos professores no trato com a rede. Muitas vezes é preciso direcionar as buscas sobre assuntos relacionados ao conhecimento histórico de forma que estas selecionem o material voltado à disciplina História em espaços virtuais especializados, isso porque nem tudo que é veiculado na rede como material de pesquisa pode e deve ser aproveitado como tal. O professor de história que é leigo no uso do computador passa por sérias dificuldades ao tentar selecionar materiais virtuais que o ajudem e, muitas vezes, desiste desse material em função da dificuldade de uso ou da qualidade do material encontrado, muitas vezes pior do que o livro didático. Outro problema é a própria formação do professor, que pode não lhes oferecer condições de julgar os conteúdos da internet, correndo com isso o risco de uso de material inadequado, com informações erradas, análises mal feitas e, ou mesmo, análises feitas de má fé, o que implicaria em situações que o uso de material virtual seria mais prejudicial do que benéfico ao ensino de história.

Nesse sentido o uso da rede mundial de computadores como instrumento metodológico para

as aulas de história impõe que o professor não apenas saiba usar a net, mas tenha também condições de ser crítico na escolha de seus objetos de trabalho. Porque se acreditamos, enquanto professores de história que a internet pode e deve ser utilizada como auxílio dentro e fora da sala de aula é preciso que isso seja objeto de reflexão, pois não basta apenas dizer que se usam as novas tecnologias em sala de aula, é preciso ter conhecimento de causa de como fazê-lo para que se torne um avanço e não um retrocesso no ensino.

Note-se, porém, que não se trata de uma tecnologização do ensino, mas, além do esforço por não perder o bonde da evolução tecnológica humana, tem a ver com a necessidade de enriquecer as práticas instrucionais dos ensinantes. (SILVA, 2005, p.29)

Ou seja, para o autor não é substituir as formas de ensinar a história que se usam por novas técnicas que incluam computadores e internet, mas as tornar parte de um processo maior que as considere como elementos da vida dos sujeitos envolvidos no processo educativo. Sabemos que há professores de história, sejam da rede pública ou não, que não usam os materiais virtuais para enriquecimento de suas práticas didáticas cotidianas. Muitas vezes não tem

como o fazer, outras resistem à exploração do mundo virtual, preferindo manter-se numa “ignorância digital”, utilizando no máximo em suas aulas tvs e dvds, muitas vezes sem ter formação adequada para lidar com os conteúdos possíveis via estes instrumentos, também um posicionamento crítico e problematizador.

O professor de história que no presente possui condições técnicas para utilização da tecnologia disponível deveria pois estar apto a lidar com esses instrumentos sejam des quais forem. A tecnologia por ela mesma não educa, é o professor que faz a diferença no seu uso e nos objetivos que quer com o ensino de história. Pois, a

responsabilidade – a tarefa – do professor de história é formar cidadãos. O professor é formador de consciências. Portanto ensinar história é partilhar saberes, contribuindo para a formação de uma determinada maneira de ver e compreender o mundo.” (FONSECA, p. 84).

Integrar-se ao mundo virtual, como defendemos, pode ser uma forma de dar criatividade ao ensino de história e fazê-lo mais prazeroso e mais concreto a alunos, que já vivem no seu cotidiano a experiência digital, sem perder a dimensão maior do ensino de história que como disse Guimarães, é

também formar pessoas conscientes de suas realidades e de seus papéis na mesma.

Na realidade o que é nos parece é, sem dúvida, a responsabilidade da formação do professor de história no uso da tecnologia na sala de aula. Durante a sua graduação esse professor, na maioria das vezes, não foi estimulado a conhecer mais sobre as diversas opções de uso da Internet e de outras tecnologias de informação e comunicação porque também seus próprios professores têm dificuldades de uso desse novo universo. Vê-se, com isso, uma repetição de métodos e uma dificuldade recorrente de inovação. O professor de história, tal como qualquer outro profissional da educação, deve estar em constante formação, pois disso depende seu trato com a tecnologia e sua habilidade em direcionar e instruir seus alunos no uso do computador e da internet. Não basta apenas que alunos saibam o famoso “copiar – colar”. O professor que não possui o mínimo contato com a máquina e com a rede, terá também, dificuldade em avaliar o uso dos mesmos pelos alunos, correndo o risco de equívocos e contradições.

Portanto, pode-se dizer, é possível ministrar boas aulas com a inserção do uso da tecnologia para desenvolvimento das mesmas. Para tanto é necessário

que o professor esteja preparado para isso, pois também será responsável pela utilização dessa tecnologia como metodologia educacional. Acreditamos que é o estímulo ao senso crítico do aluno a principal meta a ser visada pelo professor no uso da tecnologia em sala de aula. Não adiantaria usar uma tecnologia super moderna se a mesma servisse apenas para reprodução conteudística que não atende as necessidades dos alunos dentro da realidade escolar, mas também dentro da realidade do mundo lá fora. A escola é apenas uns dos lugares no qual as pessoas se formam, e sua interação com outros meios se faz necessária, pois

A informática e a Internet são realidades de nossa época que ingressam em território de práticas já existentes, renovando-as e modificando-as. Nesse sentido a relação entre produção, veiculação e apropriação de informações e práticas que remontam aos primórdios da vida cultural está sendo modificada pelas inovações dos suportes de veiculação de informação, formatando as formas de produção de idéias e de recepção das mesmas. (GATTI, 2005, p. 25).

Daí que não basta o acesso à tecnologia, é preciso também saber usá-la como instrumento inovador dentro do ensino de história. Ou seja, ainda é a formação do professor que o permitirá usar o

mundo virtual, como meio de formar seus alunos dentro de um espírito de crítica e posicionamento político claro dentro da sociedade como um todo e, mesmo, no meio específico no qual este vive. O que não significa, no entanto, um acesso a “tudo”, pois

A emergência do ciberespaço não significa de forma alguma que “tudo”, pode enfim ser acessado, mas antes que o Todo está definitivamente fora de alcance. O que salvar do dilúvio? Pensar que poderíamos construir uma arca contendo o “principal” seria justamente ceder à ilusão da totalidade. Todos temos necessidade, instituições, comunidades, grupos humanos, indivíduos, de construir um sentido, de criar zonas de familiaridade, de aprisionar o caos ambiente. Mas, por outro lado, cada um deve reconstruir totalidades parciais à sua maneira, de acordo com seus próprios critérios de pertinência. (LÉVY, 1999, p. 161).0

O autor alerta justamente para a necessidade de adequação do uso dos saberes veiculados pela net às realidades de quem a usa. Ou seja, é preciso ter claro que a internet enquanto instrumento de ensino, não pode ser reconhecida como a redentora de práticas e informações. Se se deixa à ela a obrigação de compor o todo, bastando para saber apenas acessá-la, sua função de virtualização e socialização do saber ficará a quem das reais necessidades de professores e alunos.

O que vemos é que as novas tecnologias apontam para novos desafios no campo do ensino e, em específico, no campo do ensino de história. A prática docente passa por um momento em que lhe é exigida uma maior reflexão do professor no sentido de redimensionar seus paradigmas pedagógicos, adaptando-os, também, ao universo que o uso do computador e a internet criou. Isso deriva da crescente presença da tecnologia no cotidiano de milhões de pessoas pelo mundo inteiro, o que se por um lado, significa uma gradativa democratização tecnológica, por outro, pode incorrer nos equívocos e perigos de uniformizações que desrespeitem as diferenças e características culturais próprias de cada povo.

Como disse Levy, o uso da tecnologia não pode suplantiar o caráter humano que a mesma possui. Se as inovações mais recentes transformam a vida do homem de forma rápida e, de certa forma, caótica, isso não impede que se esqueça que são os próprios seres humanos que estão elaborando tais mudanças, segundo não apenas o impulso essencial da sobrevivência, mas também o impulso cultural de viver melhor.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

FONSECA, Selva Guimarães. *Didática e prática de História*. Campinas: Papirus, 2003.

GATTI, Daniel Couto. *Sociedade Informacional e analfabetismo digital: relações entre comunicação, computação e Internet*. Bauru: Edusc/ Uberlândia: Edufu, 2005.

LEVY, Pierre. *Cibercultura*. São Paulo: Ed.34, 1999.

LYOTARD, Jean – François. *O pós-moderno*. Rio de Janeiro: José Olímpio, 1988.

SILVA, Marcos. Os Fundamentos da Educação e as Novas Tecnologias. *Comunicações*, ano 12, n.2, p.26-33, nov 2005.

SORJ, Bernardo; GUEDES, Luís Eduardo. *Exclusão Digital: problemas conceituais, evidências empíricas e políticas públicas*. Disponível em:

[http://www.centroedelstein.org.br/pdf/exclusaodigital\\_problemasconceituais.pdf](http://www.centroedelstein.org.br/pdf/exclusaodigital_problemasconceituais.pdf). Acesso em 02 de nov de 2007, às 22:30h.